

AS SUPLICANTES DE EURÍPIDES (VV. 381-597)

EURIPIDES' SUPPLIANTS (VV. 381-597)

EVANDRO LUIS SALVADOR*

Resumo: Apresentamos a tradução e interpretação do segundo episódio (vv. 381-597) da tragédia *As Suplicantes*, de Eurípides, levada ao teatro de Dioniso entre 424-416 a. C. O drama tem 1.234 versos e recebe esse nome por causa da composição do coro: anciãs argivas, mães dos chefes que morreram na malfadada expedição contra Tebas. Elas partem de Argos para irem ao templo de Deméter, em Elêusis, suplicar pelo direito sagrado de reaverem os corpos de seus filhos, retidos arbitrariamente pelo recém-entronado rei de Tebas, Creonte, para lhes darem as devidas ha religioso.

Palavras-chave: Eurípides, *As suplicantes*, religião, tragédia.

Abstract: We present a translation and an interpretation of the second episode (vv. 381-597) in Euripides' *Suppliants*, performed in the Theater of Dionysus sometime between 424 and 416 B.C. The drama is composed of 1,234 verses and receives its title from the chorus, which is composed of elderly Argive women, wives of chiefs killed in the ill-fated expedition against Thebes. The women leave Argos in the direction of Demeter's temple in Eleusis, to supplicate for their sacred right to recover the bodies of their dead sons (arbitrarily retained by the recently enthroned king of Thebes, Creon) and to give them a proper funeral. The work's title, therefore, directs our attention to a religious theme.

Keywords: Euripides, *The Suppliants*, Religion, Tragedy.

Apresentamos a tradução e interpretação do segundo episódio (vv. 381-597) da tragédia *As Suplicantes*, de Eurípides, levada ao teatro de Dioniso entre 424-416 a.C¹. O drama tem 1.234 versos e recebe esse nome por causa da composição do coro: anciãs argivas, mães dos chefes que morreram na malfadada expedição contra Tebas. Elas partem de Argos para irem ao templo de Deméter, em Elêusis, suplicar pelo direito sagrado de reaverem os corpos de seus filhos, retidos arbitrariamente pelo recém-entronado rei de Tebas, Creonte, para lhes darem as devidas honras fúnebres. O título da obra, portanto, direciona nosso olhar para um tema religioso.

* Evandro Luis Salvador é professor da Universidade Estadual Paulista, Brasil. E-mail: evandrosalva@gmail.com

¹ É a tragédia que carrega consigo as maiores incertezas quanto à data exata de sua representação. O arco temporal é extenso porque não há consenso nesse aspecto.

O enredo sucede a tragédia *As Fenícias*². Contudo, do ponto de vista cronológico, *As Suplicantes* foram levadas ao palco ateniense muito antes d' *As Fenícias*. Grosso modo, é como se a *Odisseia* tivesse aparecido primeiramente e, somente mais adiante, surgisse a *Iliada* para lhe dar as noções elementares.

Dissemos que, pelo título da obra, somos levados a esperar um tom exclusivamente religioso e, de fato, o ponto de partida é este: os tebanos, na figura de seu governante, vencedores na guerra contra Argos, negam peremptoriamente o resgate dos corpos dos comandantes argivos que morreram no entorno das muralhas tebanas. Portanto, nega-se-lhes o direito sagrado do sepultamento. E é nesse pano de fundo que aspectos éticos e políticos se entrelaçam, a começar pela hipótese de Aristófanes de Bizâncio, segundo a qual τὸ δὲ δράμα ἐγκώμιον Ἀθηναίων (“o drama é um elogio a Atenas”), no qual são celebradas, à primeira vista, a democracia ateniense e a figura de Teseu³ como um governante exemplar. Teseu e Atenas são simbióticos: impossível falar de um sem mencionar o outro.

As loas a Atenas e a Teseu são espraiadas pela tragédia, mas é no segundo episódio que o tom é mais acentuado por conta da presença do debate formal, uma seção específica das tragédias eurípidianas em que um personagem debate com outro acerca de temas específicos, que podem ser deliberativos (políticos) ou forenses. Para Lloyd (1992, p. 2), os debates nas tragédias de Eurípides absorvem e refletem várias situações da vida contemporânea ateniense, não só situações que envolvem contenda jurídica, mas também os debates políticos e diplomáticos. Bers (1994, pp. 178-9), contrariamente, argumenta que a conexão entre os discursos políticos no Conselho ou na Assembleia, os discursos forenses nas cortes e os demais discursos relativos a outras esferas da vida do cidadão ateniense e o uso de todas essas formas de discurso nas tragédias é incerto. Para ele, identificar uma estratégia retórica num drama como imitador da oratória da vida real é frequentemente vã porque as evidências são esparsas. Da minha parte e considerando que

² Considerando, neste caso, a produção dramatúrgica de Eurípides. O ciclo épico tebano terminaria com a morte dos dois filhos de Édipo, Etéocles e Polinices, extinguindo a linhagem masculina dos Labdácidas, e com a vitória de Tebas sobre Argos. Esse é o enredo d' *As Fenícias*. Outros aspectos da guerra entre Etéocles e Polinices estão presentes em Ésquilo (*Os sete contra Tebas*) e em Sófocles (*Antígona* e *Édipo em Colono*).

³ A figura de Teseu n' *As Suplicantes* sofreu forte idealização dos críticos a ponto de estabelecerem conexões possíveis com figuras da política ateniense contemporânea, como Péricles e Nícias, mas, sobretudo, com o jovem Alcibíades. Para essa discussão, conferir Grégoire (1976, p. 90), Jiménez (1995, pp. 145-6) e, principalmente, Michelini (1997, pp. 177-184).

o debate é uma presença marcante nas tragédias euripidianas, seria difícil sustentar que a audiência teatral do final do século V a. C., com a sofística em voga nas últimas décadas do século de Péricles, estivesse completamente alheia a esse fenômeno.

O debate do segundo episódio d'*As Suplicantes* tem um pano-de-fundo religioso e diplomático: Teseu estava prestes a enviar um arauto para Tebas, reclamando a libertação dos corpos dos sete comandantes argivos, retidos por Creonte, para providenciar as exéquias, cumprindo, assim, o desejo de Etra, sua mãe, das mães do argivos e, por conseguinte, consoante ao “desejo” de toda a Hélade, pois trata-se de uma questão pan-helênica o devido sepultamento dos mortos. Mas Teseu foi surpreendido pela chegada do arauto tebano que solicitaria a ele a imparcialidade no caso logo no início.

De forma sagaz, Eurípides desvia, momentaneamente, o foco da discussão ao introduzir nas palavras do arauto tebano o termo τύραννος. O arauto estava procurando o tirano de Atenas para “entregar” os proclamas de Creonte, tirano de Tebas. É nesse momento que o debate político se envereda pelas características inerentes a cada regime político e pela defesa renhida das vantagens e desvantagens de cada um deles. Sem entrar no mérito da discussão, o debate se encerra com a recusa de Teseu em atender a “sugestão” de Creonte e a consequente declaração de guerra de Atenas contra Tebas, uma guerra, de certa forma, política e religiosa: da democracia contra a tirania de Tebas e da religião pan-helênica contra a intransigência violenta de Creonte.

Uma nota à tradução: trata-se de uma tradução em prosa, mas estruturada em versos que correspondem, na medida do possível, aos versos gregos. Portanto, como não há um trabalho estruturalmente poético, adotamos certa liberdade na tradução, sem desprezar o vernáculo, o que significa dizer que há uma margem para um trabalho de interpretação de passagens, o que resulta, às vezes, em um distanciamento em relação ao texto original. Acompanham a tradução algumas notas de apoio à leitura, que abarcam interpretações decorrentes do processo tradutório, relações que algumas passagens guardam com outros textos e com o texto em si mesmo (no caso de alusões a passagens anteriores), informações geográficas etc. É uma via de acesso a uma discussão mais profunda. Adotamos como texto base a edição de James Diggle (1981), mas consultamos outras edições, com particular interesse nos comentários, tais como a italiana de Ammendola (1922) e a inglesa editada por Paley (2010); consultamos as traduções de Coleridge (1938), Gregoire (1976) e Ribeiro (2012).

Teseu (*Dirigindo-se ao arauto ateniense*)

Tendo sempre esta habilidade, és um servidor da cidade e meu também, transportando os proclamas. Atravessando o Asopo e o manancial do Ismeno, pronuncia o seguinte ao augusto⁴ tirano dos Cadmeus: “Teseu requer-te o obséquio⁵ para enterrar os corpos; sendo governante da cidade vizinha, espera sua anuência, a fim de teres uma amizade sem reservas com os Erecteus.” Caso aceitem a oferta, retorna imediatamente. Mas se recusarem-na, o segundo proclama é este: “Esperar o ataque de meu séquito de escudeiros.” A armada está acampada e, bem examinada, encontra-se, de prontidão, no entorno do sagrado Calícoro. Outrossim, de bom grado e prontamente a cidade acolheu esta tarefa porque percebeu minha vontade. Opa! Quem é este que chega interrompendo minhas palavras? É um arauto Cadmeu, como parece, mas não tenho certeza: Detém-te! Talvez ele evite a tua missão vindo ao encontro de minhas deliberações.

{Θη.}

τέχνην μὲν αἰεὶ τήνδ' ἔχων ὑπηρετεῖς
 πόλει τε κάμοι διαφέρων κηρύγματα.]
 ἔλθων δ' ὑπὲρ τ' Ἀσωπὸν Ἴσμηνοῦ θ' ὕδωρ
 σεμνῶι τυράννωι φράζε Καδμείων τάδε·
 Θησεύς σ' ἀπαιτεῖ πρὸς χάριν θάψαι νεκρούς, 385
 συγγείτον' οἰκῶν γαῖαν, ἀξίων τυχεῖν,
 φίλον τε θέσθαι πάντ' Ἐρεχθειδῶν λεῶν.
 κἂν μὲν θέλωσιν, αἰνέσας παλίσσυτος
 στεῖχ' ἦν δ' ἀπιστῶς, οἶδε δεύτεροι λόγοι·
 Κῶμον δέχεσθαι τὸν ἔμὸν ἀσπιδηφόρον. 390
 στρατὸς δὲ θάσσει κάξετάζεται παρῶν
 Καλλίχορον ἀμφὶ σεμνὸν εὐτρεπῆς ὄδε.
 καὶ μὴν ἐκούσά γ' ἀσμένη τ' ἐδέξατο
 πόλις πόνον τόνδ' ὡς θέλοντά μ' ἦισθετο.
 ἔα· λόγων τίς ἐμποδῶν ὄδ' ἔρχεται; 395
 Καδμείος, ὡς ἔοικεν οὐ σάφ' εἰδότι,
 κῆρυξ. ἐπίσχες, ἦν σ' ἀπαλλάξῃ πόνου
 μολῶν ὑπαντα τοῖς ἐμοῖς βουλευμασιν.

⁴ Sentido irônico.⁵ Confirmação da ironia do verso anterior.

Arauto

Quem é o tirano desta terra? A alguém me é necessário transmitir as ordens de Creonte, que governa a terra de Cadmo após a morte de Etéocles no entorno da cidadela de sete portas, pela mão fraterna de Polinices.

{ΚΗΡΥΞ}

τίς γῆς τύραννος; πρὸς τίν' ἀγγεῖλαί με χρῆ
λόγους Κρέοντος, ὃς κρατεῖ Κάδμου χθονὸς 400
Ἐτεοκλέους θανόντος ἀμφ' ἐπταστόμους
πύλας ἀδελφῆι χειρὶ Πολυνείκους ὕπο;

Teseu

Começaste erroneamente o teu discurso, estrangeiro, buscando por aqui um tirano: a cidade não é governada por um só homem, pois ela é livre. O povo a governa em sucessão anual e não damos ao abastado qualquer primazia, mas o pobre tem também igual direito assegurado⁶.

{Θη.}

πρῶτον μὲν ἤρξω τοῦ λόγου ψευδῶς, ξένε,
ζητῶν τύραννον ἐνθάδ'· οὐ γὰρ ἄρχεται
ένος πρὸς ἀνδρὸς ἀλλ' ἐλευθέρᾳ πόλις. 405
δημος δ' ἀνάσσει διαδοχαῖσιν ἐν μέρει
ἐνιαυσίαισιν, οὐχὶ τῷ πλούτῳ διδούς
τὸ πλεῖστον ἀλλὰ χῶ πένησιν ἴσον.

Arauto

Como nos dados⁷ dás uma deixa grandiosa: pois a cidade da qual provenho é governada por um só homem e não pela massa: não há um ser que seduzindo a cidade com discursos⁸

⁶ Há um anacronismo, pois Teseu pertence à idade heroica de Atenas, enquanto o modelo por ele mencionado principia no século VII a. C. e vai sendo aprimorado com Sólon (início do século VI) e Clístenes (fim do mesmo século).

⁷ Ammendola (1922) e Paley (2010) oferecem, como interpretação, uma sátira às instituições atenienses no procedimento de escolha dos magistrados e governantes, escolhidos por sorteio e, assim, sujeito à roda da fortuna. Paley esclarece que, num jogo de dados, o desafiante permite ao adversário começar com certo número de peças. Mas, no caso, lembremos que foi Teseu quem deu a oportunidade para o arauto falar ao implicar com uma “simples” pergunta.

⁸ Alusão aos oradores e crítica à permissividade de Atenas para com eles. O arauto sugere que a cidade é refém desses profissionais.

em causa própria a faça mover para cá e para lá;
 em uma ocasião, é amável e concede grande graça
 para logo após prejudicá-la; dissimulando, em seguida,
 os equívocos com novas artimanhas, escapa da justiça.
 De que outra maneira, sem julgar corretamente os discursos,
 o povo teria capacidade direta e correta de guiar a cidade?
 Pois o tempo fornece uma experiência mais segura em vez
 da celeridade. Um pobre homem que cultiva a terra para viver,
 mesmo se não fosse ignorante, não teria condições,
 por causa dos afazeres, de examinar os assuntos públicos.
 Decerto é uma doença para os mais inteligentes isto:
 quando um homem desprezível logra adquirir prestígio,
 sendo um nada antes, conquistando o povo com sua lábia.

{Κη.}

ἐν μὲν τόδ' ἡμῖν ὥσπερ ἐν πεσσοῖς δίδως
 κρείσσον· πόλις γὰρ ἢς ἐγὼ πάρειμι ἄπο 410
 ἐνὸς πρὸς ἀνδρὸς οὐκ ὄχλωι κρατύνεται·
 οὐδ' ἔστιν αὐτὴν ὅστις ἐκχαυνῶν λόγοις
 πρὸς κέρδος ἰδίων ἄλλοτ' ἄλλοσε στρέφει,
 τὸ δ' αὐτίχ' ἠδὺς καὶ διδοὺς πολλὴν χάριν
 ἐσαυθις ἔβλαψ', εἶτα διαβολαῖς νέαις 415
 κλέψας τὰ πρόσθε σφάλματ' ἐξέδου δίκης.
 ἄλλως τε πῶς ἂν μὴ διορθέων λόγους
 ὀρθῶς δύναιτ' ἂν δῆμος εὐθύνειν πόλιν;
 ὁ γὰρ χρόνος μάθησιν ἀντὶ τοῦ τάχους
 κρείσσω δίδωσι. γαπόνος δ' ἀνήρ πένης, 420
 εἰ καὶ γένοιτο μὴ ἀμαθής, ἔργων ὕπο
 οὐκ ἂν δύναιτο πρὸς τὰ κοιν' ἀποβλέπειν.
 ἢ δὴ νοσῶδες τοῦτο τοῖς ἀμείνοσιν,
 ὅταν πονηρὸς ἀξίωμ' ἀνὴρ ἔχη
 γλώσση κατασχῶν δῆμον, οὐδὲν ὦν τὸ πρῖν. 425

Teseu

O arauto é refinado e elaborador de logorreia⁹.
 Mas já que tu próprio te imiscuiste neste debate,
 toma tento: tu, pois, propuseste a palraria.
 Nada é mais pernicioso para a cidade do que um tirano,
 Pois onde ele está, antes de mais nada, leis públicas não há
 e uma mesma pessoa governa elaborando a lei

⁹ Há um outro sentido aqui, que seria não só a compulsão por falar, mas exorbitar os limites inerentes à função que ocupa, no caso, a de um simples arauto. Os versos seguintes reforçam essa ideia.

para si própria: e isso jamais é igualdade¹⁰.

Por que buscar riqueza e sustento para os filhos,
para que dedique seu esforço a tornar a vida do tirano abastada?
Ou é necessário criar donzelas em casa com todo primor,
deliciosos prazeres para os tiranos, quando quer que desejem,
mas lágrimas àqueles que as fornecem? Que eu ainda não
esteja vivo se minhas filhas se casarem à força.
Quanto ao que disseste, revelei nulo o ataque com minhas armas.
Mas fato é que necessitas de algo vindo até aqui. O quê?
Chorando, ao menos, terias retornado, por excederes nas palavras,
caso uma cidade não to enviasse¹¹: um mensageiro deve,
após dizer tudo quanto alguém lhe ordenou, retornar o mais breve
possível. Que futuramente Creonte envie para minha cidade
um mensageiro menos logomaniáco do que tu.

{Θη.}

κοιμός γ' ὁ κῆρυξ καὶ παρεργάτης λόγων.
ἐπεὶ δ' ἀγῶνα καὶ σὺ τόνδ' ἠγωνίσω,
ἄκου· ἄμιλλαν γὰρ σὺ προύθηκας λόγων.
οὐδὲν τυράννου δυσμενέστερον πόλει,
ὅπου τὸ μὲν πρῶτιστον οὐκ εἰσὶν νόμοι 430
κοινοί, κρατεῖ δ' εἰς τὸν νόμον κεκτημένος
αὐτὸς παρ' αὐτῶν· καὶ τόδ' οὐκέτ' ἔστ' ἴσον.
κτᾶσθαι δὲ πλοῦτον καὶ βίον τί δεῖ τέκνοις 450
ὡς τῶι τυράννῳ πλείον' ἐκμοχθῆ βίον;
ἢ παρθενεύειν παιδας ἐν δόμοις καλῶς,
τερπνὰς τυράννοις ἡδονὰς ὅταν θέλη,
δάκρυα δ' ἔτοιμάζουσι; μὴ ζώην ἔτι
εἰ τὰμὰ τέκνα πρὸς βίαν νυμφεύεται. 455
καὶ ταῦτα μὲν δὴ πρὸς τὰς ἑξηκόντισα.
ἦ κεις δὲ δὴ τί τῆσδε γῆς κεχρημένος;
κλαίων γ' ἂν ἤλθεις, εἰ σε μὴ πέμψεν πόλις,
περισσὰ φωνῶν· τὸν γὰρ ἄγγελον χρεῶν
λέξανθ' ὅς ἂν τάξει τις ὡς τάχος πάλιν 460
χωρεῖν. τὸ λοιπὸν δ' εἰς ἐμὴν πόλιν Κρέων
ἦσσαν λάλον σου πεμπέτω τιν' ἄγγελον.

¹⁰ Jocasta, na tragédia *As Fenícias*, de Eurípidēs, aborda, nos versos 536-45, o tema da igualdade.

¹¹ O período hipotético irreal é usado porque Teseu gostaria de dar uma lição mais dura no arauto, mas não o faz por causa de sua condição de embaixador, cuja função diplomática preconiza imunidade.

Coro

Como quando a divindade fornece aos biltres o sucesso: como sempre¹² são soberbos no agir de maneira correta.

{Χο.}

φεῦ φεῦ· κακοῖσιν ὡς ὅταν δαίμων διδῶι
καλῶς, ὑβρίζουσ' ὡς αἰὲ πρᾶξοντες εὔ.

Arauto

Já poderei falar. A respeito do que discutimos, essa é a tua visão, mas para mim é o contrário. Quanto à minha vinda: eu¹³ e todo povo¹⁴ de Cadmo intimamos a não dares guarida a Adrasto nesta terra: caso aqui já esteja, antes que a luz do sol se vá, expulsa-o daqui após desfazeres os sagrados ritos das guirlandas¹⁵, não resgatas os corpos dos mortos pela força, dado que tens ligação nenhuma com a cidade argiva. Além disso, dos dois assuntos todos os homens conhecemos¹⁶, ao menos, o mais poderoso em relação aos lados bom e ruim: que a paz é mais poderosa do que a guerra para os mortais¹⁷:

{Κη}

λέγοιμ' ἄν ἤδη· τῶν μὲν ἠγωνισμένων 465
σοὶ μὲν δοκείτω ταῦτ', ἐμοὶ δὲ τὰντία.
ἐγὼ δ' ἀπαυδῶ πᾶς τε Καδμείος λεῶς
Ἄδραστον ἐς γῆν τήνδε μὴ παριέναι·
εἰ δ' ἔστιν ἐν γῆι, πρὶν θεοῦ δύναι σέλας
λύσαντα σεμνὰ στεμμάτων μυστήρια 470

¹² Há um contraste temporal (um eventual e um permanente) muito bem marcado no meio dos versos 463-64 estabelecendo um paralelismo através das expressões ὡς ὅταν/ὡς αἰὲ.

¹³ Início do proclama de Creonte.

¹⁴ O termo contraria aquilo que o arauto disse sobre a tirania: a estrutura política de Tebas não pressupõe a participação popular.

¹⁵ O arauto finge não ver Adrasto, mas observando os ritos em torno do templo de Deméter, quando exige o desatamento das guirlandas, torna-se evidente que Adrasto está presente e, nesse sentido, a oração condicional soaria vã. Mas devemos lembrar que ele transmite *ipsis litteris* os proclamas de Creonte.

¹⁶ Silepse de pessoa.

¹⁷ A diferença entre a guerra e a paz é exatamente aquela que existe entre aquilo que é ruim e aquilo que é bom. A proposição é geral: todos os seres humanos sabem a diferença entre o que é prejudicial e o que não o é. Daí a se perguntar: por que, então, a escolha pelo que traz prejuízos, ou seja a guerra? Note-se que a representação desta tragédia certamente ocorreu no decorrer da guerra do Peloponeso.

τῆσδ' ἐξελαύνειν, μηδ' ἀναιρεῖσθαι νεκροὺς
βίαι, προσήκοντ' οὐδέν Ἀργείων πόλει.
καίτοι δυοῖν γε πάντες ἄνθρωποι λόγοιν
τὸν κρείσσον' ἴσμεν καὶ τὰ χρηστὰ καὶ κακὰ
ὄσωι τε πολέμου κρείσσον εἰρήνη βροτοῖς·

Coro

Zeus, o vingador, plenamente satisfeito estava,
mas não era necessário a vós cometer tal crueldade¹⁸.

Adrasto: És em tudo o pior¹⁹!

Teseu: Cala, Adrasto, cerra a boca

e não coloques as tuas palavras adiante das minhas.

Pois este aí vem trazendo proclamas não para ti,

mas para mim: Nós²⁰ temos que replicar.

E, primeiramente, então, responderei-te do princípio²¹.

Eu não reconheço Creonte nem como soberano

muito menos sendo mais poderoso do que eu, de modo

a compelir Atenas a agir assim. Pois as circunstâncias caminhariam
no contra-fluxo se desse modo aceitarmos tais imposições.

Em segundo lugar²², eu não provoquei esta guerra,

tampouco fui com estes para a terra de Cadmo;

Vai além: é uma afronta que interessa à Hélade inteira

Se alguém mantiver insepultos os mortos,

privando-os do que deveriam obter: isso disseminaria a covardia
entre os nobres se se tornasse uma norma usual.

{Χο.}

ἐξαρκέσας ἦν Ζεὺς ὁ τιμωρούμενος,

ύμᾱς δ' ὕβριζειν οὐκ ἐχρήν τοιάνδ' ὕβριν.

{Αδ.} ὦ παγκάκιστε {Θη.} σίγ', Ἄδραστ', ἔχε στόμα

καὶ μὴ πίπροσθεν τῶν ἐμῶν τοὺς σοὺς λόγους

θῆς. οὐ γὰρ ἤκει πρὸς σὲ κηρύσσων ὄδε 515

ἀλλ' ὡς ἐμ' ἡμᾶς κάποκρίνασθαι χρεῶν.

καὶ πρῶτα μὲν σε πρὸς τὰ πρῶτ' ἀμείψομαι.

οὐκ οἶδ' ἐγὼ Κρέοντα δεσπόζοντ' ἐμοῦ

¹⁸ A argumentação do coro é clara: não caberia aos tebanos prolongar a vingança divina. Tal argumento incide sobre a passagem em que o arauto ampara sua argumentação nas “provas técnicas”, digamos assim: sobretudo na descrição das mortes de Capaneus e de Anfiaraios.

¹⁹ A expressão é concisa demais. Necessitamos recorrer à perífrase para dar conta de uma expressão tão enxuta e significativa.

²⁰ Não inclui Adrasto, evidentemente, mas Teseu e a cidade de Atenas.

²¹ Versos 467 a 475.

²² Versos 481 a 493.

οὐδὲ σθένοντα μείζον, ὥστ' ἀναγκάσαι
 δρᾶν τὰς Ἀθήνας ταῦτ'· ἄνω γὰρ ἂν ῥέοι 520
 τὰ πράγμαθ', οὕτως εἰ 'πιταξόμεσθα δῆ.
 πόλεμον δὲ τοῦτον οὐκ ἐγὼ καθίσταμαι,
 ὅς οὐδὲ σὺν τοῖσδ' ἦλθον ἐς Κάδμου χθόνα·
 ἦκιστα· πάσης Ἑλλάδος κοινὸν τόδε,
 εἰ τοὺς θανόντας νοσφίσας ὦν χρῆν λαχεῖν
 ἀτάφους τις ἔξει· δειλίαν γὰρ ἐσφέρει 540
 τοῖς ἀλκίμοισιν οὗτος ἦν τεθῆι νόμος.

Coro

Ânimo! Pois certamente preservando o fulgor da Justiça
 evitárias as múltiplas censuras dos homens.

Ar. Queres que eu converse adotando um discurso enxuto?

Te. Dize se desejas algo: evidentemente não estás em silêncio.

Ar. Jamais resgates os filhos dos argivos de nossa terra.

Te. Da minha parte, agora, escuta de novo, se desejas.

Ar. Ouço, sim, pois é necessário dar a vez a cada um.

Te. Enterrarei os cadáveres após trazê-los da terra do Asopo²³.

Ar. Primeiramente, deves estar exposto aos riscos das armas.

Te. Suportei muitas outras guerras em outras ocasiões.

Ar. Certamente o pai te gerou para competir contra todos?

Te. Contra os que são insolentes, sim: não agredimos os honestos.

Ar. Tu e tua cidade estão acostumados a se ocupar de muitas coisas²⁴.

Te. Certamente à custa de muitos esforços ela muito prospera.

Ar. Vem! Para que a lança dos Espartos te reduza ao pó.

Te. Que Ares seria violento vindo de uma serpente²⁵?

Ar. Saberás, tu, no sofrimento: ainda és um jovem²⁶.

{Χο.}

θάρσει· τὸ γὰρ τοι τῆς Δίκης σώιζων φάος
 πολλοὺς ὑπεκφύγοις ἂν ἀνθρώπων ψόγους. 565

²³ Conferir verso 383: Asopo é um rio que percorre a Beócia, onde situa-se Tebas.

²⁴ Há um sentido irônico na fala do arauto tebano, que já despontara no verso 574: Teseu e Atenas se intrometem em muitos assuntos alheios.

²⁵ A resposta de Teseu tem o mesmo tom irônico, porque incide sobre a lenda da fundação de Tebas: Cadmo deveria matar a serpente de Ares e com seus dentes semear a terra. Disso, nasceram os Espartos, ou semeados, guerreiros enormes e de ânimo belicoso, que se mataram uns aos outros e encharcaram a terra com o sangue dessa carnificina.

²⁶ Ou seja, Teseu tem muito a aprender.

{Κη.} βούληι συνάψω μύθον ἐν βραχεῖ τιθείς;
 {Θη.} λέγ' εἴ τι βούληι· καὶ γὰρ οὐ σιγηλὸς εἶ.
 {Κη.} οὐκ ἂν ποτ' ἐκ γῆς παῖδας Ἀργείων λάβοις.
 {Θη.} κάμου νυν ἀντάκουσον, εἰ βούληι, πάλιν.
 {Κη.} κλύοιμ' ἄν· οὐ γὰρ ἀλλὰ δεῖ δοῦναι μέρος. 570
 {Θη.} θάψω νεκρούς γῆς ἐξελὼν Ἀσωπίας.
 {Κη.} ἐν ἀσπίσιν σοι πρῶτα κινδυνευτέον.
 {Θη.} πολλοὺς ἔτλην δὴ χιτῆροις ἄλλους πόνους.
 {Κη.} ἢ πᾶσιν οὖν <ς> ἔφυσεν ἐξαρκεῖν πατήρ;
 {Θη.} ὅσοι γ' ὕβρισται· χρηστὰ δ' οὐ κολάζομεν. 575
 {Κη.} πράσσειν σὺ πόλλ' εἴωθας ἢ τε σὴ πόλις.
 {Θη.} τοιγὰρ πονοῦσα πολλὰ πόλλ' εὐδαιμονεῖ.
 {Κη.} ἔλθ', ὡς σε λόγῃ σπαρτὸς ἐν κόνει βάλῃ.
 {Θη.} τίς δ' ἐκ δράκοντος θούρος ἂν γένοιτ' Ἄρης;
 {Κη.} γνώσῃ σὺ πάσχων· νῦν δ' ἔτ' εἰ νεανίας. 580
 {Θη.} οὗτοι μ' ἐπαρεῖς ὥστε θυμοῦσθαι φρένας
 τοῖς σοῖσι κόμποις· ἀλλ' ἀποστέλλου χθονὸς
 λόγους ματαίους οὐσπερ ἠνέγκω λαβῶν·
 περαίνομεν γὰρ οὐδέν· ὀρμάσθαι χρεῶν
 πάντ' ἄνδρ' ὀπλίτην ἀρμάτων τ' ἐπεμβάτην 585
 μοναμπύκων τε φάλαρα κινεῖσθαι ἰστόματ'
 ἀφρώι καταστάζοντα Καδμείων χθόνα.
 χωρήσομαι γὰρ ἑπτὰ πρὸς Κάδμου πύλας
 αὐτὸς σίδηρον ὀξὺν ἐν χεροῖν ἔχων
 αὐτὸς τε κήρυξ· σοὶ δὲ προστάσσω μένειν, 590
 Ἄδραστε, κάμοι μὴ ἀναμείγνυσθαι τύχας
 τὰς σάς· ἐγὼ γὰρ δαίμονος τοῦμοῦ μέτα
 στρατηλατήσω καινὸς ἐν καινῷ δορί.
 ἐν δεῖ μόνον μοι· τοὺς θεοὺς ἔχειν ὅσοι
 δίκην σέβονται· ταῦτα γὰρ ξυνόνθ' ὁμοῦ 595
 νίκην δίδωσιν· ἀρετὴ δ' οὐδὲν φέρει
 βροτοῖσιν ἢν μὴ τὸν θεὸν χρήζοντ' ἔχη.

Recebido em dezembro 2013

Aceito em junho 2014

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMENDOLA, G. *Le Supplici di Euripide*. Palermo: Remo Sandron, 1922.
 BERS, V. (1994). "Tragedy and Rhetoric". In: *Persuasion: Greek rhetoric in action*. Ian Worthington (ed.). Londres, Routledge, pp. 176-195.
 DIGGLE, J. *EURIPIDES: FABVLAE*. New York: Oxford University Press, 1981.
 EURIPIDE. *Héraclès, Les Suppliantes, Ion*. Traduções de Louis Parmentier e Henry Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 1976.
 FERREIRA, J. R. *As Supplicantes*. Porto Alegre: Movimento, 2012.

- JIMÉNEZ, A. P. "La imagen de Teseo en Las Suplicantes de Eurípides". In: *De Homero a Libanio: Estudios actuales sobre textos griegos*. J. A. López Férez (ed.). Madrid: Ediciones Clásicas, 1995, pp. 145-161.
- LLOYD, M. (1992). *The Agon in Euripides*. Oxford, Clarendon Press.
- MICHELINI, A. N. "Political themes in Euripides' Suppliants". In: *The American Journal of Philology*. The John Hopkins University Press, vol. 115, nº 2, 1994, pp. 219-252.
- _____. "Alcibiades and Theseus in Euripides' Suppliants". In: *Colby Quarterly*. Berkeley: Electronic Press, vol. 33, nº 2, 1997, pp. 177-184.
- MASTRONARDE, D. "The optimistic rationalist in Euripides: Theseus, Jocasta, Teiresias". In: *Greek tragedy and its legacy: essays presented to D. J. Conacher*. Calgary: University Press, 1986, pp. 201-11.
- STOREY, I. C. *Euripides: Suppliant Women*. London: Duckworth, 2008.